

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E AS MULHERES BRASILEIRAS EM FINAIS DOS OITOCENTOS E INÍCIO DO SÉCULO XX.

Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa¹
Denize Sepúlveda²

Resumo:

Julia Lopes de Almeida (1862-1934) editou cerca de 40 obras entre Portugal, Brasil e França, de 1886 até 1934. Foi reconhecida como abolicionista e feminista. Como escritora, constou da lista dos intelectuais que planejaram a fundação da Academia Brasileira de Letras. Porém, não fez parte da mesma por ser mulher. Os valores patriarcais e os preconceitos que se tinha à época não permitiram que ela fosse membro fundador. A metodologia usada neste estudo é o paradigma indiciário de Ginzburg, analisando a obra da autora, jornais e revistas da época e uma entrevista com um de seus netos. O texto para análise e aprofundamento será seu romance “A falência”. Na obra desta mulher encontramos indícios, pistas e sinais que ressaltam realidades e cotidianos sobre a condição das mulheres em finais do século XIX e início do século XX. A intenção deste estudo é trazer contribuições que possam somar subsídios para os estudos de gênero no Brasil.

Palavras chave: Feminismo, literatura feminina, Patriarcalismo, Gênero, História.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA AND BRAZILIAN WOMEN IN THE END OF THE EIGHTEENTH AND EARLY 20TH CENTURY.

Abstract:

Julia Lopes de Almeida (1862-1934) edited about 40 works between Portugal, Brazil and France, from 1886 to 1934. She was recognized as an abolitionist and feminist. As a writer, she was on the list of intellectuals who planned the foundation of the Brazilian Academy of Letters. However, she was not part of it, as she was a woman. Patriarchal values and prejudices at the time did not allow her to be a founding member. The methodology used in this study is the indicative paradigm of Ginzburg, analyzing the author's work, newspapers and magazines of the time and an interview with one of her grandchildren, and having as analysis text her novel “A Falência”. In this woman's work we find evidence and facts, that highlight realities and everyday life about the condition of women in the late 19th and early 20th centuries. The intention of this study is to bring contributions that can add subsidies for gender studies in Brazil.

Keywords: Feminism, female literature, Patriarchalism, Gender, History.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA Y LAS MUJERES BRASILEÑAS A FINALES DEL SIGLO XIX Y PRIMEROS DEL SIGLO XX.

Resumen:

Julia Lopes de Almeida (1862-1934) editó alrededor de 40 obras entre Portugal, Brasil y Francia, de 1886 a 1934. Fue reconocida como abolicionista y feminista. Como escritora, estuvo en la lista de intelectuales que planearon la fundación de la Academia Brasileña de Letras. Sin embargo, ella no formaba parte de ello, ya que era mujer. Los valores patriarcales y los prejuicios de la época no le permitieron ser miembro fundador. La metodología empleada en este estudio es el paradigma

indicativo de Ginzburg, analisando la obra de la autora, periódicos y revistas de la época y una entrevista a uno de sus nietos, y teniendo como texto de análisis su novela “A falência”. En el trabajo de esta mujer encontramos evidencias y hechos, pistas y señales que resaltan las realidades y la vida cotidiana sobre la condición de la mujer a finales del siglo XIX y principios del XX. La intención de este estudio es traer contribuciones que puedan sumar subsidios para estudios de género en Brasil. Palabras clave: feminismo, literatura femenina, patriarcado, género, historia.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E AS MULHERES BRASILEIRAS EM FINAIS DOS OITOCENTOS E INÍCIO DO SÉCULO XX.

Segundo DEL PRIORI, 1997, P. 402, “O século XIX foi o século do romance”. Deixou-se para trás “os tipos humanos genéricos”, que por convenção eram determinados pela literatura da época. Passa-se a usar os espaços cotidianos como cenários das narrativas. Cada romance buscava apresentar uma “entidade individualizada” e cada enredo e cenário, detinha-se num contexto particular de determinado momento histórico. E ainda, segundo PRIORI, p. 402: “(...) É o romance que difunde a prosa da vida doméstica cotidiana” (...) contribuindo para a construção da hegemonia do ideário burguês”.

Foi no romantismo que a literatura passou a viver e escrever sobre o homem comum e suas experiências cotidianas, suas emoções, seus exageros, seus sentimentos. E foi no romantismo, segundo PRIORI, que o papel da mulher foi “redefinido”, a mulher passou de pecadora para:” ajudante do homem, educadora dos filhos, um ser de virtude, um anjo do lar”. Neste ideário burguês de mulher, nasceu e cresceu a escritora Julia Lopes de Almeida.

Julia Valentina da Silveira Lopes de Almeida nasceu a 24 de setembro de 1862 na então província do Rio de Janeiro e faleceu 30 de maio de 1934, na cidade do Rio de Janeiro, capital da república. Filha de Valentim José Silveira Lopes, médico e professor e de Antônia Adelina Lopes, pianista, ambos de Lisboa, Portugal. Segundo seu neto, o engenheiro Claudio Lopes de Almeida, que nos recebeu em sua residência, o nome de solteira da escritora era Julia Valentim da Silveira Lopes, após o casamento passou a chamar-se Julia Lopes de Almeida, e foi assim que assinou como escritora.

Quando criança se mudou com a família para Campinas, São Paulo. Aos 19 anos, estreou no periódico “A Gazeta de Campinas”, lembrando que nesta época, a mulheres já lutavam e algumas poucas desenvolviam atividade intelectual de forma bastante profícua. Em 1884 passou a escrever para o jornal carioca “O País”, onde manteve sua presença por cerca de 20 anos. No entanto, foi em Lisboa, que Júlia fez sua primeira edição como escritora, junto com sua irmã, a também escritora Adelina, lançou o livro Contos Infantis, em 1887. Um ano depois, casou-se com o poeta e jornalista português Francisco Filinto de Almeida (1857 - 1945), no mesmo ano publicou os contos Traços e Iluminuras. Voltou ao Brasil em 1888 e publicou seu primeiro romance, Memórias de Marta, em forma de folhetins no Jornal O País. Desde então, passou a escrever para alguns jornais e revistas: A semana, Jornal do Comércio, Revista Ilustração Brasileira, Tribuna Liberal – trabalhando ininterruptamente, tecendo temas relacionados ao contexto da época, a abolição, a república e a situação da mulher. Foi certamente uma das primeiras romancistas brasileiras, sua criação literária abarca vários gêneros: contos, texto para teatro, literatura infanto-juvenil e crônicas.

As criações literárias de Júlia receberam a influência do realismo e do naturalismo francês, principalmente os contos de Guy de Maupassant (1850 - 1893) e os romances de Émile Zola (1840 - 1902). (Lobo, p. 160).

Segundo o neto de Júlia Lopes de Almeida, o engenheiro Claudio Lopes de Almeida, a escritora, por influência do pai, leu todos os clássicos Portugueses e após o casamento com o poeta Português Francisco Filinto de Almeida, foi incentivada pelo marido a ler os clássicos franceses.

A obra da autora, objeto deste estudo, alcançou muito sucesso em vida, no entanto, teve seu nome apagado após sua morte, caindo em total esquecimento. Hoje, graças às diversas pesquisas acadêmicas realizadas em todo território Brasileiro, aos poucos, o nome de Júlia Lopes de Almeida vem sendo, com lentidão e dificuldade, desinvisibilizado. Em outras palavras, a romancista famosa nas primeiras décadas do século XX, não faz parte do cânone literário brasileiro. Seu nome, até a presente data, encontra-se excluído, assim como o de inúmeras escritoras, apesar das numerosas pesquisas acadêmicas com fundamentações seguras o suficiente para mudar a face da história da literatura do Brasil. Segundo Fanini (2017, apud Ferreira, p. 1): “Júlia Lopes de Almeida foi o primeiro e mais emblemático vazio institucional produzido pela barreira de gênero”.

Privilegiada pelo acesso que teve aos estudos em relação às mulheres da época, autora de mais de 40 obras, escreveu textos que foram editados e publicados em periódicos entre 1881 e 1934, entre Brasil, Portugal e França, período ativo das criações de sua autoria, criações estas, onde a autora expõe as marcas de uma luta através da palavra em benefício das injustiças que negavam à mulher o direito à luz dos saberes.

O Rio de Janeiro, capital federal de então, cenário de suas ficções, atravessava um momento bastante atribulado em termos políticos e econômicos, o ambiente privado das famílias burguesas também vai servir de pano de fundo para a construção dos seus enredos e caracterização dos seus personagens, como por exemplo em *A Falência*, livro, 1901 (Lobo, p. 162), para muitos a sua obra mais importante. Júlia fez sucesso ao ministrar conferências e palestras no Brasil e na Europa, sobre o Brasil e sobre a mulher brasileira; militou ativamente nas sociedades femininas no Rio de Janeiro. Obteve reconhecimento literário dos escritores da época, escreveu livros especialmente para mulheres, como *O Livro das Noivas e Maternidade*, alcançando o mesmo sucesso de público que os seus romances. Seu nome está entre os intelectuais que integraram todo o planejamento e discussão para a criação da Academia Brasileira de Letras - ABL, tendo sido cogitada para ser membro fundador da mesma, no entanto foi seu marido, o escritor Filinto de Almeida, o fundador e ocupante da cadeira número 3, pois por ser mulher, ficou impedida de fazer parte da instituição.

Durante o período de 1913 e 1918, Júlia volta a viver em Portugal, publicando peças teatrais e um livro infantil em parceria com seu filho Afonso Lopes de Almeida, na década seguinte, muda-se para Paris, onde algumas de suas obras são traduzidas e publicadas, como podemos ler nas orelhas do livro “*A intrusa*”, editado em 2016 pela Editora Mulheres.

Considerada por muitos de mente iluminista, com ideias feministas e defensora da educação, o legado de suas obras vão desde crônicas nos periódicos cariocas e de outros estados até conferências sobre temas nacionais e sobre a mulher brasileira, no Brasil e no exterior, tornando-se objeto de pesquisa associado aos comentários dos jornais de época, além de sua fortuna crítica¹.

Apesar de ser considerada uma literata de sucesso, seu nome perdeu a notoriedade poucos anos depois de sua morte em 1934. No entanto, aos poucos, a partir dos anos 80,

¹ É comum chamarmos de Fortuna crítica os textos críticos, resenhas, comentários sobre obras literárias, relatos e dedicatórias publicadas sobre determinada autora ou autor.

esta realidade vem sendo modificada através de inúmeras pesquisas sobre a história das mulheres no Brasil. Segundo De Luca:

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) atingiu a virada do século XIX para o século XX unanimemente considerada a mais importante mulher-escritora do Brasil, chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis e precedeu a eclosão do movimento modernista. Mas o verdadeiro endeusamento da autora no primeiro quartel do século XX contrasta com seu esquecimento pelos nossos contemporâneos - situação de se lamentar principalmente quando nos lembramos que defendeu pontos de vista abertamente feministas. (DE LUCA, Leonora, 1999 p.1).

Após o que já foi dito, passaremos a fazer uma análise, com recorte de gênero, em seu romance mais famoso: “A falência”, por considerar que esta obra, nos oferece exatamente um teor comparativo com a realidade do cotidiano das mulheres brasileiras no início do século XX, carregando o pensamento burguês que vislumbrava em finais dos oitocentos. “A falência” traz como cenário a capital da república de então, a cidade do Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo o *modus vivendi* e o pensamento social retratado em seus capítulos.

“A FALÊNCIA”, ROMANCE, RIO DE JANEIRO, 1901.

Em “A Falência”, Júlia Lopes de Almeida retrata o momento histórico do Brasil na virada dos oitocentos para o século XX. A criação literária parece ser escrita com base na vivência da autora. O romance nos apresenta uma escrita bem elaborada, sugere atemporalidade, pois nos remete a algo bem atual: crise econômica, ambição desmedida, materialismo, superficialidade burguesa, status e emancipação social. Segundo depoimentos de sua filha Margarida Lopes de Almeida, são palavras de Júlia Lopes de Almeida sobre esta obra:

Escrevi este romance duas vezes. A primeira em solteira, e dessa primeira feitura figuram dois capítulos no meu livro de contos ‘Traços e Iluminuras’ escrito ainda com o meu nome de menina. Esse romance rasguei-o, sentindo que lhe faltava o que o seu assunto exigia e que só depois de mulher eu lhe poderia dar completamente: o conhecimento da vida. A ideia ficou cantando no meu espírito e só depois de muitos anos de casada e cinco vezes mãe, foi que o escrevi do primeiro ao último capítulo, definitivamente. (ALMEIDA, Claudio - arquivo pessoal).

Chamou-nos à atenção a linguagem simples com que a autora compôs “A Falência”. Podemos dizer que tal simplicidade encontra-se permeada por um fazer literário muito bem construído, um texto que flui com naturalidade, com linguagem simples, mas vê-se que traz nas entrelinhas, talento e muito trabalho.

O português Teodoro, principal personagem masculino de “A falência”, chegou ao Brasil “com uma mão na frente e outra atrás”, com imenso esforço, consegue enriquecer. Trata-se de uma pessoa generosa e honesta. Ao ver-se só, sente necessidade de formar família e anima-se ao pensar em deixar sua fortuna para seus futuros filhos e revela o pensamento: “Para que lhe serviria o que juntara, se o não compartilhasse com uma esposa dedicada e meia dúzia de filhos que lhe herdassem virtudes e haveres?”. Casa-se com Camila, moça de

origem humilde, cuja família estava prestes a se mudar para Sergipe. O casamento trouxe para a família da noiva a solução para os problemas financeiros pelos quais passavam.

Na tradição ocidental judaico-cristã, a figura feminina foi considerada como algo frágil, que deveria, portanto, ser protegida pelo pai, marido ou irmão mais velho. De modo que o casamento era um ritual que passaria a mão da filha para os cuidados, agora, do marido. (MAZZA, Luan, 2016, p.1).

Na narrativa a autora expõe a “necessidade” do casamento para a vida da mulher, visto, muitas vezes, como única solução para obter-se respeito e tranquilidade futura. Logo na primeira visita de Argemiro a casa onde residia Camila, a mãe da moça tenta de forma indireta, referir-se a filha, na tentativa de mostrar seus dotes para o casamento: “Camila fazia crochê perto do lampião; Sofia refugiara-se num canto do canapé, queixando-se da cabeça. E a mãe a falar com ar de sinceridade (...). A cada instante o nome de Camila saía-lhe da boca com um elogio...” (ALMEIDA, Julia, 2019, p. 16). Também em Memórias de Marta (1889), a fala materna expõe sua tranquilidade, caso a filha casasse com alguém de bons costumes, pois “a reputação da mulher é essencialmente melindrosa” (Almeida, 1889, p. 142).

Segundo Pierre Bourdieu em “A dominação masculina”, a divisão social existente entre os sexos tem como origem um olhar que “adquire todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2002, p. 17). A “máquina simbólica” acha campo fértil no próprio comportamento cultural das pessoas, instalando assim, padrões de conduta; desta forma, quando tais padrões sociais desejados pelo meio tornam-se habituais, ou seja, são imitados e repetidos com sentimento de naturalidade, instala-se certo conformismo, e as afirmações sucessivas de tais modelos, acabam por determinar a segregação dos sexos.

O tema do casamento é sem dúvida crucial quando a abordagem é a diferença entre os sexos. Em “A falência” o lugar do feminino está bem marcado através de suas personagens.

Quando entrou em sua nova casa, na Rua da Candelária, a moça recém casada não observou tudo que lhe esperava, como havia pensado Francisco Teodoro, não pensou em olhar toda a casa, foi direto para uma sacada e murmurou: “Se ao menos se visse o mar...”. O romance mostra Camila como uma mulher fútil, a propriedade da família sempre recebia amigos para reuniões festivas:

A imensa casa era então pequena para o número de amigos. Nos jardins iluminados a barões e a copinhos, nas salas, nos corredores, nos terraços, no bufet, nos quartos, em toda a parte havia povo, rumor de vozes e cheiro abafado de plantas pisadas, flores amornadas por luzes, essências diversas reunidas ao odor dos molhos e das carnes servidas no banquete... Os convidados varavam todos os aposentos, como quem anda por sua casa... e um pianista pago dedilhava no piano as polcas e as valsas do seu repertório. (ALMEIDA, 2019, p.85).

Viveram em paz, e em paz continuaram mesmo com o reaparecimento de Sodomita na vida de Teodoro, e este cobriu de infidelidade a esposa, sentindo-se conformado pelo fato de nada faltar a Camila e por dar-lhe uma vida de luxos, além das remessas para Sergipe e de ter em casa o cunhado indolente. Também abrigava a sobrinha Nina, dizia que “pelo menos serviria para ajudar Camila a criar as filhas, principalmente as gêmeas, visto que o Mário, o único filho, já estava praticamente criado”. Nesta altura, a família já residia em um palacete em Botafogo e a filha mais velha do casal, Ruth, dedicava-se aos estudos e principalmente ao

violino. É no palacete de Botafogo que o romance nos apresenta o Dr. Gervásio Gomes, médico da família e amante de Camila.

A partir do terceiro capítulo vamos encontrar como tema a infidelidade feminina, abordado por Júlia Lopes de Almeida em *A falência*. Nesta parte da narrativa, Julia passa a tornar claras as consequências sofridas pelas mulheres que praticavam o adultério. Porém, nossa autora mostra na personagem Camila um forte traço romântico, mas não uma mulher tão conformada como seria de se esperar. Vê-se uma Camila que questiona as regras vigentes e que acaba por transgredir as mesmas, por amor e por sentir que pode buscar a felicidade, o que para a época era inadmissível.

O filho Mário, descobre o adultério da mãe e passa a torturá-la, com comportamentos de condenação e ódio pelo Dr. Gervásio.

Numa visita ao Barco do comandante Rino, a irmã do comandante, Srta. Catarina, pergunta ao Senhor Teodoro se ele é a favor da “emancipação da mulher”, assunto muito em voga naquele momento. E a resposta é definitivamente contra as oportunidades que dariam a mulher o direito a educação e aos estudos. No entanto, a Srta. Catarina diz que ele investe na educação musical de sua filha Ruth.

São palavras de Teodoro em visita ao Netuno, embarcação do Comandante Rino, diante de todos, inclusive de Camila, sua esposa:

— Minha senhora, eu sou da opinião de que a mulher nasceu para mãe de família. Crie os seus filhos, seja fiel ao seu marido, dirija bem a sua casa, e terá cumprido a sua missão. Este foi sempre o meu juízo, e não me dei mal com ele, não quis casar com mulher sabichona. É nas mediócras que se encontram as Esposas (ALMEIDA, 2019, p 72).

No caminho de volta, ao saírem do Netuno, Teodoro fica na rua 1º de março e Camila segue para casa com sua filha Ruth e com Dr. Gervásio. Em determinado momento acontecem cenas de ciúmes, quando por eles passa uma mulher de preto que deixa Dr. Gervásio desconcertado e ele informa a Camila que tal mulher faz parte de um passado...

Como podemos sentir, para a mulher retratada no romance em questão, raras eram as que se atreviam a subverter a ordem dos costumes, onde o lugar delimitado para o gênero feminino era o de esposa e mãe, cuidadora do lar. Todavia, o romance põe em cena as mulheres pobres, mostrando que estas sempre trabalhavam a exemplo de Noca, a principal trabalhadora da casa de Camila, que reúne atribuições de cuidados com todos da família de forma carinhosa e afetiva, mostrando uma docilidade ímpar e generosa. Mesmo assim, durante a narrativa, o texto revela pistas que apontam para o grau de exploração sob o qual ela vivia. Após uma das reuniões festivas na casa, após todos os convidados terem saído, Noca ainda estava a postos para quaisquer recomendações dos seus patrões:

Francisco Teodoro girou pela casa verificou se estava tudo bem fechado e fez à mulata as perguntas previstas pela mulher. Depois, já a caminho do dormitório, voltou-se e foi dizer-lhe: — Olhe, Noca, se a enxaqueca do Mário aumentar, sempre será bom dar-lhe uma pastilha de antipirina...
— Si, senhor, eu vou ver... Francisco Teodoro saiu, e a criada suspirou, vexada, abaixando a cabeça. (ALMEIDA, 2019, p. 77)

Como podemos notar no fragmento acima, as mulheres negras ou descendentes dos negros escravos que vieram para o Brasil nos pós escravatura, foram submetidas em sua maioria a aceitar trabalho nas casas de família burguesas, servindo quase que em tempo integral sob um regime sem apoio legal e sem horários de descanso.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser mulher e negra no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes médias e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido do problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. (GONZALEZ, 2020, p. 58)

Segundo Souza (2012), nos pós escravatura a mulher negra ficou submetida a um ideário de feminino que exigia atributos e qualidades mais ligadas ao caráter e ao comportamento do que propriamente ao desempenho do trabalho. Era comum anúncios que solicitavam funcionárias domésticas terem “prerrequisitos” como: humildes, obedientes, etc. Ainda, de acordo com Souza: “(...)A proximidade dada no convívio com o senhor/patrão e sua família envolvia trabalhos excessivos, maus-tratos, suspeitas e acusações, vigilância, punições injustas e toda sorte de violências físicas, sexuais e morais. (SOUZA, 2012, p. 256)”.

Quanto a doméstica, ela nada mais é do que a mucama² permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega a sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação, porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras de classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas”. (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria “branca” ou “clarinha”). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no Carnaval ou nos oba-obas da vida). Afinal, se é preta só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço. E, pensando bem, entrada de serviço é algo meio maroto, ambíguo, pois sem querer remete a gente para outras entradas (não é, “seu” síndico?). É por aí que a gente saca que não dá pra fingir que a outra função da mucama tenha sido esquecida. Está aí. (GONZALES, 2020, p. 82-83).

Esta prática em relação à muitas mulheres negras que trabalham, até os dias de hoje como domésticas, ainda encontram, de forma muito evidente, as mesmas discriminações e situações de trabalho que no passado as descendentes de África suportaram nos pós abolição.

Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere tanto da “escrava do eito” de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da “mucama” de ontem; o mesmo poderia se dizer da vendedora ambulante, da “joaninha”, da servente ou da trocadora de ônibus de hoje e da escrava de ganho de ontem. (Gonzalez, 2020, p. 217/218).

² Mucama. (Do *quimbundo* mu’kama “amásia escrava” S. f. Bras. A escrava negra moça e de estimação era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, *por vezes*, era ama de leite. (GONZALEZ, 2020, p. 81).

Se a mulher negra sofria na pele tais horrores, embora, de outra forma, também as mulheres brancas eram mantidas em seus espaços discriminados e marcados. Na página 69 do romance em questão, o personagem Francisco Teodoro diz com todas as letras que “A mulher nasceu para mãe da família. O lar é seu altar; deslocada dele não vale nada! Judith Butler e seus estudos sobre feminismo, problemas de gênero e demais conhecimentos específicos, analisa e expõe o pensamento patriarcal diante da determinação que limita espaços específicos para o feminino nas abordagens culturais, sociais e políticas:

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros... (Butler, 2019, p.22.)

Em outras palavras: à mulher é dado o papel de cuidar dos sentimentos e aspirações do homem que percebe na mesma, um objeto de sua propriedade e não um ser humano com desejos e sentimentos. Na visão masculina a mulher é apenas instrumento natural e mediador do conforto e da satisfação do homem. A subserviência torna-se, dessa forma, a realização da completude para o feminino.

E vemos no romance “A Falência” que a autora se refere às mulheres negras como as “*pretinhas velhas*” que recolhiam o café que caía das sacas pelas calçadas para negociar e com isso fazerem algum numerário para suas sobrevivências. A cena da narrativa é um flagrante, mostrando que as mulheres das classes populares, em sua maioria, descendentes de escravos, frequentavam o espaço público e inventavam a vida de forma a garantir o sustento, por vezes, de famílias inteiras. O flagrante é muito bem descrito no seguinte trecho:

Aqui, ali e acolá, pretinhas velhas, com um lenço branco amarrado em forma de touca sobre a carapinha, varriam lépidas com uma vassoura de piaçava os grãos de café espalhados no chão. Com o mesmo açodamento peneiravam-nos logo e numa bacia pequena, de folha, com o fundo crivado a prego. “Era o seu negócio”. (ALMEIDA, 2019, p.24). Olhou: embaixo a pretinha velha varria pressurosa a calçada, ajuntando o café da rua. (ALMEIDA, 2019, p.123).

Outro fator interessante da obra por nós analisada é o parágrafo que Júlia Lopes de Almeida relata sobre a formação educacional para as mulheres da classe média e da elite no início do século XX, mostrando que Nina, sobrinha enjeitada, que foi abrigada na casa de Francisco Teodoro, recebera oportunidade de “alguma” instrução por razões nada convincentes. Mas como o próprio texto revela, o tal colégio de pensionista, oferecia o que vem a ser chamado de “instrução prática”:

Aos doze anos conservava o seu ar estúpido e humilde; não conhecia uma letra; mas ensinava as criadas novas a varrerem a casa e a porem a mesa com perfeição. Como o Mário lhe batesse um dia com os arreios do seu cavalo de pau, Francisco Teodoro resolveu pô-la em um colégio, de pensionista, recomendando uma instrução prática, nada ornamental. Bem orientado andou. O colégio fora o seu melhor tempo. (ALMEIDA, 2019, p. 94).

Segundo Sepulveda (2020) não podemos considerar que no início do século XX a “instrução prática” como a única possibilidade de formação para as meninas, uma vez que

ao seu lado conviviam escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas; escolas mantidas por pessoas leigas, ensino ministrado por preceptoras para as filhas das elites no espaço doméstico, familiar e privado, assim como processos de educação e instrução transmitidas pelas mães, tias e avós para as meninas das classes populares.

Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade. Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. A essas divisões se acrescentariam ainda as divisões religiosas, que também implicariam diversidades nas proposições educacionais. (LOURO, 2011, p. 444).

Os objetivos educacionais das meninas e jovens eram diferentes de acordo com suas classes sociais de origem. Para as meninas e jovens da elite, os fins eram o ensino da administração familiar, a transmissão de normas e padrões de comportamentos e hábitos da cultura burguesa europeia. No caso das meninas e jovens das classes populares, o alvo era a aprendizagem de atividades cotidianas domésticas, na agricultura ou nos ofícios práticos nas cidades. As experiências históricas sobre os processos educacionais das mulheres brasileiras não são únicas, elas são plurais, são diferenciadas e vão variar de contexto para contexto (SEPULVEDA, 2020).

No romance por nós analisado, vemos que Ruth, por ocasião do aniversário de Nina, pediu ao pai que comprasse uma lembrança, alegando que a pobre nunca era lembrada e para surpresa de todos, Teodoro presenteia a sobrinha com uma casa e marca a transferência de propriedade e assinatura da escritura.

Em determinado momento da história, Francisco Teodoro, tendo os filhos já criados e a família formada, muito rico, acaba por cair na conversa de um especulador chamado Inocêncio, este, não passava de um falsário e o estava enganando, aproveitando do seu enorme desejo de ser conhecido como o maior e mais respeitável comerciante do Rio, e vai à falência participando de investimentos financeiros de alto risco:

Revoltado contra si, Francisco Teodoro cravou as unhas na calva, chamando-se de leviano e miserável. Como toda a gente se riria da sua falta de senso. A culpa era dele. Deixar-se levar por cantigas com a sua idade e sua experiência! Sentia ferver-lhe o ódio por todos os amigos que o tinham inebriado com palavras perigosas e fúteis. Então todos chamavam o Inocêncio Braga de honrado, perspicaz e arguto. Agora, depois de tudo feito e perdido, é que o dizia um especulador sem consciência. Mas agora era tarde; estava tudo perdido. (ALMEIDA, 2019, p. 195).

Vendo-se em meio a pensamentos desastrosos, descritos no romance “A falência”, reunindo toda uma gama de justificativas desde a auto culpa, caminhando pela impossibilidade de trabalhar como no início duro de sua carreira até a culpabilidade que conferia ao estado, contribuíram para o total desespero de Francisco Teodoro.

O suicídio veio a termo na presença de Camila, numa manhã marcante e elaborada pelo texto do romance com detalhes. Talvez, por orgulho ou egoísmo, não suportaria ver-se em condições de assumir a escassez e precisar recomeçar depois de ter conquistado quase tudo que mais havia sonhado. Tal recomeço ficará para ser enfrentado pelos seus descendentes. Daí a importância do título “A falência”.

Outro fato intrigante é o da cena do suicídio ter se dado na casa da família, na presença da esposa adúltera. Poderia ser uma forma de dar a Camila um castigo, como a sociedade da época poderia esperar, uma punição exemplar, já que o adultério tem início na própria residência, frequentada pelo amante desde sempre.

Após a tragédia, a família mudou-se para uma casa pequena na Rua D. Luzia, a mesma casa que Francisco Teodoro doou para a sobrinha Nina. Eram agora todas as mulheres, solitárias num reinício ainda incerto. Ajudadas pelas mãos laboriosas e dedicadas de Noca e Nina. A sobrinha, incansável em tudo, buscava ajudar a tia e as três primas que ainda não tinham noção da realidade que as esperava. Mesmo explorada e sem salário pelo seu trabalho, Nina segue rendendo gratidão pelo abrigo, por ter onde viver. Este fato, mostra como a exploração da mão de obra feminina a foi tratada de forma ostensiva pelas classes burguesas nos pós escravatura.

Noca permaneceu ao lado de “Sinhá Mila”³, ajudando, compreendendo e sendo, como sempre, a importante figura onde as emoções da família se ancoravam. Mário, havia se casado e ainda estava em Paris e elas, sabiam que não podiam contar com ele.

O primeiro ganho surgiu de um aluno conseguido por Noca para ter aulas de violino com Ruth. É neste momento que a instrução e o conhecimento falam mais alto em todo o romance, por ser Ruth a única mulher com alguma formação na família que pudesse auxiliar na economia da casa.

Vale lembrar neste momento, que segundo Del Priori (1997), em História das mulheres no Brasil, a partir de 1880, na cidade do Rio de Janeiro, “Ao mesmo tempo em que se pregavam valores burgueses, eram reforçados preconceitos de classe e raça”:

Os higienistas empenharam-se com afinco na tarefa de formar a “mãe burguesa”. Empreenderam campanhas para convencer as mulheres a amamentar. Visavam também a “mãe educadora” sob a vigilância do médico de família. Definiam a mulher como ser afetivo e frágil. Doçura e indulgência eram atributos que se somavam aos anteriores para demonstrar a inferioridade da mulher, cujo cérebro, acreditavam, era dominado pelo capricho ou instinto de coqueteira...” (DEL PRIORI, 1997, p. 429).

E no início do século XX, apesar d

a contestação de grupos feministas, a situação da mulher no Brasil, em grande parte, era exatamente a que fora apregoada pelos higienistas.

Camila, com a volta do filho Mário, a princípio, reluta em aceitar seus conselhos de entregar as gêmeas para serem criadas por uma baronesa e a aconselha a casar-se com Dr. Gervásio para salvar-se e salvar a reputação da família. Depois de longos pensamentos, resolve agir conforme a recomendação do filho. No entanto, quando vai à casa do Doutor Gervásio, como a mesma diz: humilhar-se para falar sobre o casamento, ele diz que já é casado com a mulher de preto que haviam visto ao saírem da visita ao Netuno.

A partir deste momento, Camila apodera-se da sua nova realidade, pede trabalho a Nina e a Noca, resolve mandar buscar as gêmeas na casa da baronesa da Laje e tudo dá a entender que assume a vida e a liderança daquela família composta por seis mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

³ Sinhá: Forma de tratamento criada pelos escravos brasileiros para designar “a senhora”, “a patroa”.

Vista por muitos estudiosos como conservadora, por defender o modelo burguês que concede superioridade intelectual ao sexo masculino; muitas vezes reafirmada como feminista, por ter participado ativamente dos movimentos em defesa do voto feminino e por ser parte destacada na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, nos anos 1920 e 1932, a obra de Julia Lopes de Almeida, pode torna-se importante objeto de pesquisa para os estudos de gênero. Em seus textos é possível conceber o espaço social do feminino em fins dos oitocentos e início dos novecentos. Vale destacar os seguintes livros, escritos exclusivamente para mulheres, como se fossem verdadeiros manuais: Livro das noivas (1896), Livro das donas e donzelas (1906) e Maternidade (1924).

(...) do lado do homem, o mais forte, o responsável, o chefe, é que deve estar, mesmo para a alegria e conforto da nossa alma, a superioridade intelectual. É o nosso esposo quem nos conduz pelo braço através dos 30 caminhos da vida que a sociedade embaraça com seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descansa e que nos vemos cercadas de respeito. (ALMEIDA 1896, p. 49, apud MAGALDI, 1998, p. 59).

Apesar das considerações de Julia Lopes de Almeida a respeito de suas afirmações em relação à superioridade masculina, encontramos na pesquisadora De Luca a seguinte afirmação:

Pois ninguém mais se lembra de que Júlia Lopes, já em 1905, tomou-se uma das poucas mulheres a participar da série de conferências públicas inauguradas por Coelho Neto e Olavo Bilac no Rio de Janeiro, motivando discussões polêmicas a respeito do futuro papel da mulher na ainda arcaica sociedade brasileira — participação que irá culminar com seu engajamento pessoal, em 1919, na criação da Legião da Mulher Brasileira, e com sua presença ao lado de Berta Lutz, na organização do primeiro congresso feminino do Brasil, em 1922. (DE LUCA, 1997, p. 214.)

Podemos ressaltar que, sem dúvida, a influência da escrita de Julia Lopes e sua importância para os estudos de gênero, com as devidas atenções para os recortes de raça e classe, estão expostos em “A falência”.

Temas como: adultério feminino, o espaço designado para as mulheres nos pós república brasileiro, a mulher negra e branca, mulheres oriundas das classes populares que ocupavam o espaço público para sobreviver, as atividades destinadas somente às mulheres e as atividades que não eram e não seriam “próprias” para elas, precisam ser vistos com recortes de classe e raça. A mulher branca, que não tivesse “tutor”, via-se em dificuldade, como a sobrinha de Camila, a Nina, abrigada em troca de favores e muito trabalho.

No romance “A intrusa”, da mesma autora, temos a história de Alice Galba, uma moça de origem burguesa que busca emprego como governanta, por ter perdido os pais e seu sustento. No entanto, carrega consigo o privilégio de uma educação burguesa, na qual encontrava-se o estudo da língua francesa, música, etiqueta e outros saberes destinados ao currículo especial criado para as moças de classe abastada, por esta formação, consegue o emprego.

Como já foi dito, em fins do século XIX e início do século XX, mesmo que restritos, existiam espaços diferenciados para a formação das meninas, assim como os objetivos educacionais também eram diferentes, eles variavam de acordo com suas classes sociais de

origem. Evidencia que esses espaços conviviam lado de escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas; escolas mantidas por pessoas leigas, ensino ministrado por preceptoras para as filhas das elites no espaço doméstico, familiar e privado, assim como processos de educação e instrução transmitidas pelas mães, tias e avós para as meninas das classes populares (SEPULVEDA, 2020).

É preciso lançar um olhar mais humano para o alto índice de feminicídios no Brasil ao nos depararmos com o possível assassinato da mãe do comandante Rino pelo pai do mesmo em “A falência”, cujas falas envoltas por densa névoa, não deixam de trazer para a narrativa, a possibilidade da tragédia na vida de tantas mulheres, desde sempre. O mesmo destino, poderia vestir Camila por ser adúltera, mas coloca a personagem de frente, na cena do suicídio do esposo Francisco Teodoro.

O romance traz a certeza de uma prática contínua de diferenças em forma de subalternidades, numa sociedade que reproduz muitas das mesmas práticas até os dias atuais, a despeito do progresso tecnológico e intelectual.

A ideologia do machismo está impregnada nas raízes culturais da sociedade burguesa ocidental há séculos, tanto no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e no núcleo família, este último apoiado em um regime patriarcal, onde a figura masculina representa a liderança. Nesse cenário, a mulher encontra-se num estado de submissão ao homem, perdendo o seu direito de livre expressão ou sendo forçada pela sociedade machista a servir e assistir as vontades do marido ou do pai, caracterizando um tradicional regime patriarcal. (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019, p. 63)

O inesperado é entender que Nina, Noca, Camila e suas filhas, reuniram-se num recomeço. Mulheres que construíram determinado vínculo, apesar das diferenças e das situações distintas. Um vínculo prensado na subalternidade, na obrigação, na opressão, mas um vínculo.

Enfim, a importância dos romances, contos e crônicas de Júlia Lopes de Almeida, com personagens femininos como protagonistas que transgrediam regras e ultrapassavam as barreiras do esperado, vencendo, desta forma, os padrões deterministas da época, são a prova de que sua pena usou e abusou da ficção a ponto de chamar a atenção da realidade destinada ao sexo feminino em finais dos oitocentos e início do século XX.

Referências:

ALMEIDA, Cláudio Lopes de. *D. Julia abril/2018*. [arquivo pessoal]. Rio de Janeiro, 2018.

CD-ROM

ALMEIDA, Julia Lopes de. *A falência*. São Paulo, Penguin-Companhia das letras, 2019.

_____. *A família Medeiros*. Santa Catarina: Mulheres, 2009

_____. *A intrusa*. Vitória: Pedra Azul, 2016.

_____. *Ânsia eterna*. Santa Catarina: Mulheres, 2013.

_____. *A Silveirinha*. Santa Catarina: Mulheres, 1997.

_____. *Livro das Donas e Donzelas*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

_____. *Livro das Noivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926, 4^aed.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade – 18ªed.* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CAMPELLO, Eliane T. A. (FURG). “A mulher e a arte”, na visão de Júlia Lopes de Almeida. Em:
<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/ELIANE%20CAMPELLO.pdf>
_acesso em 19/01/2019 às 21:22
- DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Campinas, 2004. Tese de doutorado. Unicamp/IFCH.
- _____. “A Mensageira”: Uma Revista de Mulheres Escritoras na modernização Brasileira. Campinas, SP: [s.n.], 1999. Vol.2.
- _____. *O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*. Cadernos Pagu. Campinas, vol.12, p. 275-299, 1999.
- _____. *Feminismo e iluminismo em Júlia Lopes de Almeida (1862/1934)*. Em: Periódicos.fundaj, gov.br. Acesso em 28/11/2020.
- DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- FERREIRA, Ivanir. Mulher mais publicada na república foi barrada na ABL. Em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/escritora-mais-publicada-da-primeira-republica-foi-vetada-na-abl/>; acesso em 06/02/2021.
- GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del Priore; PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAGALDI, Ana Maria (1998). “A educação da família segundo a receita dos manuais de Júlia Lopes de Almeida”. In C. Sousa, et al., Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. Atas do II Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, volume I. São Paulo: FEUSP, pp. 57-63
- MAZZA, L. R. M. *O papel da mulher no início do século XX ao XXI, tendo como parâmetro o código civil de 1916 e 2002*. Em: <https://luanmachado.jusbrasil.com.br/artigos/205899704/o-papel-da-mulher-no-inicio-do-seculo-xx-ao-xxi-tendo-como-parametro-o-codigo-civil-de-1916-e-2002>, acesso em 03/05/2018, às 11h09min.

MOREIRA, Nadilza M. de Barros, *Júlia Lopes de Almeida e o Universo Feminino, Carioca, Burguês*. em: livro das noivas em <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2349/2083>, acesso em 18/01/2019 as 18:21 h.).

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*, São Paulo: Contexto, 2006.

SEPULVEDA, Denize. *Os currículos escolares para os meninos no Instituto Ferreira Viana e os currículos escolares para as meninas no Instituto Profissional Orsina da Fonseca (1923-1933): um diálogo possível?* Relatório Final do Estágio de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2020.

SEPÚLVEDA & SEPÚLVEDA. José Antônio, Denize. *Trabalhando questões de gêneros: criando e recriando currículos para a valorização do feminino*. *Periferia*, v. 11, n. 4, p. 58-80, set./dez, 2019a.

SHARPE, Peggy. *Construindo o Caminho da Nação Através da Obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzir Bittencourt*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.33, n.3, p. 39-49, set. 1998.

SOUZA, Flavia Fernandes, “*Escravas do lar: mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial*”, p. 244/260. Org: XAVIER, Giovana; FRAIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio. *Mulheres negras no Brasil escravagista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

TILLY, Louise A., *Gênero, História das mulheres e História social*. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722> recebido por e-mail em 16/06/2018, às 16:11 h.

Submetido em janeiro de 2021

Aprovado em fevereiro de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome da autora: Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa

Afiliação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: ehm.pessoa@gmail.com

ORCID: 0000-0002-1601-6176

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4650510230480031>

Nome segunda autora: Denize Sepúlveda

Afiliação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: denizesepulveda@gmail.com

ORCID: 0000-0001-9049-5200

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9823519245400422>